

COMENTÁRIOS SOBRE A CRÍTICA DA RAZÃO PURA

COMMENTS ON THE CRITICAL OF PURE REASON

Lucson Fibo CHÉRY

Aluno graduando em Filosofia-bacharelado pela UCPel, Nacionalidade haitiana.
E-mail: lucsonfibo16@yahoo.com.

RESUMO:

Este presente trabalho apresenta a Crítica da Razão Pura de Immanuel Kant, obra famosa dele que investiga a possibilidade de conhecer na teoria do conhecimento. Primeiramente há algumas considerações iniciais sobre a obra do filósofo e abarca também um simples relato da vida do filósofo e sua carreira acadêmica; uma abordagem da visão do racionalismo e empirismo, em seguida há a posição do criticismo de Kant. Também tem a tentativa de explicitar os procedimentos racionais do sujeito a partir da sensibilidade e entendimento. Colocação das puras intuições de espaço e tempo para o conhecimento na estética transcendental; exame das doze categorias na analítica transcendental; ao final tem as ideias da alma, mundo e Deus que são pensáveis e não atingíveis.

PALAVRAS-CHAVE:

Kant. Criticismo. A priori. Espaço. Tempo.

ABSTRACT:

This work presents the Critique of Pure Reason of Immanuel Kant, his famous work that investigates the possibility of knowing in the theory of knowledge. First there are some initial considerations on the work of the philosopher and also covers a simple account of the life of the philosopher and his academic career; an approach to the view of rationalism and empiricism, then there is the position of Kant's criticism. It also has the attempt to explain the rational procedures of the subject based on sensitivity and understanding. Placement of pure intuitions of space and time for knowledge in transcendental aesthetics; examination of the twelve categories in transcendental analytics; in the end it has the ideas of the soul, world and God that are thinkable and not attainable.

KEYWORDS:

Kant. Criticism. A priori. Space. Time.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As linhas que seguem pretendem abordar alguns elementos sobre as formas de conhecimento abordadas na obra *Crítica da Razão Pura* de Immanuel Kant. Alguns filósofos tal como Heráclito, Parmênides, Demócrito, Platão, Aristóteles, Francis Bacon, René Descartes, David Hume e John Locke, também procuraram, cada qual em suas respectivas épocas refletir sobre essa temática, mas é com Kant que a teoria do conhecimento toma indubitavelmente novos rumos. De acordo com Kant, é preciso distinguir conhecimento de crença. Para o filósofo o conhecimento deve ser capaz de oferecer razões ou explicações racionais caso contrário deve ser pensado como uma crença. O autor adverte que uma crença justificada, não é necessariamente um conhecimento. Immanuel Kant se posiciona entre os empiristas e os racionalistas. Para um empirista o conhecimento se dá a posteriori e para um racionalista o conhecimento se dá a priori, então, Kant está dentro do criticismo, onde o conhecimento se dá a partir da sensibilidade (a posteriori) e do entendimento (a priori). O filósofo discute a questão do limite da razão, significa que não podemos conhecer as coisas em si mesmas, pois o ato cognoscitivo é síntese "a priori" de dois elementos: conteúdo e forma; a forma é fornecida pelo sujeito, o conteúdo pelas coisas.

Um breve relato histórico de vida sobre Kant é importante, porque é um meio que pode nos conduzir ao tentativo de entender sua carreira e seu legado como filósofo. Em algumas linhas, tentaremos citar algumas obras que ele chegou a escrever.

No livro *Compreender Kant* de Georges Pascal, Immanuel Kant nasceu em Königsberg, no dia 22 de abril de 1724 na Prússia. Estudou filosofia, matemática e teologia na universidade de sua cidade natal. Foi um grande preceptor junto a algumas famílias aristocráticas. Em 1755 obteve a livre docência. Kant não vem de uma família rica, ao contrário, era bem pobre, o pai dele exercia a profissão de celeiro, era um homem honesto, tinha horror à mentira, seu nome era João Jorge Kant. Sua mãe Ana

Regina Reuter, mulher profundamente religiosa, ministrou-lhe uma sólida educação moral. A respeito da vida de Kant, existe uma linha rígida de formação na sua história e sua carreira. Como depois da morte do pai do filósofo, ele era obrigado a deixar a universidade antes de haver conquistado todos os graus acadêmicos e para ganhar a vida, se faz professor particular. Dá lições em diversas casas de famílias nobres da Prússia Oriental².

Há comentaristas que afirmam que Kant nunca leu Jean Jacques Rousseau, no entanto, uma leitura detalhada de seu trabalho pode apontar certa influência do filósofo francês como se verá no estudo da *Fundamentação da metafísica dos costumes* e da *crítica da razão prática*³.

O filósofo herdou muitas virtudes do pai e não perdeu a educação que a mãe o transmitiu. Kant era na realidade possuidor de uma extraordinária força de vontade. Trabalhador incansável dedicou-se muito ao estudo, sempre atento em jamais dar ao público um pensamento prematuro ou incompleto. Esta honestidade intelectual é o traço de seu caráter e, sem dúvida, também de sua filosofia.

As suas obras principais são: *Dissertação sobre a forma e os princípios do mundo sensível e inteligível*; *crítica da razão Pura*; *Prolegômenos a toda metafísica futura que se apresente como ciência*; *Fundamentos da Metafísica dos costumes*; *crítica da Razão Prática*; *Metafísica dos costumes*; *Crítica do juízo*; *A religião nos limites da razão pura*.

O caráter do idealismo crítico se faz presente nas ideias de Kant, pois ele abraça o criticismo na meta de manter um equilíbrio entre a corrente do racionalismo de Descartes e o empirismo cético de David de Hume. A seguir pretende-se ressaltar seu posicionamento contra o dogmatismo e o ceticismo, sua crítica à metafísica, os seus tipos de juízos através das

² PASCAL, Georges. *Compreender Kant* (Biografia). 3ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 13.

³ Idem, p. 14.

categorias, sua experiência ou os princípios a priori da sensibilidade, os seus conceitos sobre entendimento bem como alguns elementos de seu legado filosófico.

1. VISÃO DO RACIONALISMO

O racionalismo tem como pai René Descartes, ele sustenta a questão da ideia inata. O posicionamento cartesiano carece muito debate devido argumentos apresentados. Ele busca erradicar as antigas opiniões dele nas meditações enquanto pesquisando outras formas de saber que são seguros pela razão.

A ideia cartesiana se baseia no Cogito Ergo Sum, isto é, penso, logo existo. Para ele, a única coisa que não pode colocar em dúvida é o próprio pensamento. Descartes afirma que às vezes os sentidos nos enganam:

Mais, ainda que os sentidos nos enganem às vezes, no que se refere às coisas pouco sensíveis e muito distantes, encontramos talvez muitas outras, das quais não se pode razoavelmente duvidar, embora as conhecêssemos por intermédio deles: por exemplo, que eu esteja aqui, sentado junto ao fogo, vestido com um chambre, tendo este papel entre as mãos e outras coisas desta natureza. E como poderia eu negar que estas mãos e este corpo sejam meus? A não ser, talvez, que eu me compare e esses insensatos, cujo cérebro está de tal modo perturbado e ofuscado pelos negros vapores da bile que constantemente asseguram que são reis quando são muito pobres; que estão vestidos de ouro e de púrpura quando estão inteiramente nus; ou imaginam ser cântaros ou ter um corpo de vidro. Mas quê? São loucos e eu não seria menos extravagante se me guiasse por seus exemplos (DESCARTES, 1979, p. 86).

Isto significa que o racionalismo cartesiano rejeita que o conhecimento dependa dos sentidos ou da imaginação. René Descartes primeiramente, tendo a dúvida como parte integrante de sua busca por bases seguras para o “prédio” do conhecimento, aconselha que não se tome nada como verdadeiro sem antes passar por uma série análise da razão. Segundo lugar, é necessário dividir as dificuldades para

melhor examiná-las e resolvê-las. Em terceiro lugar, ordenar os pensamentos indo das ideias mais simples às mais complexas. E por fim, voltar a fazer um cálculo para ver se não houve algo errado.

Essas técnicas podem ser utilizadas para combater a dúvida. Só que nessa mesma perspectiva, Descartes considera a dúvida como a certeza de que ele está pensando, então, penso, logo existo.

2. VISÃO DO EMPIRISMO

Quando se fala do empirismo, se pode atribuí-lo à questão do indutivo. Antes de desenvolver amplamente esse assunto, é importante fazer memória de alguns principais pensadores empiristas que são: Francis Bacon, David Hume e John Locke. Para esses filósofos, todo conhecimento se origina nos sentidos, na experiência com o mundo, ou seja, trata-se de um método baseado na observação. A finalidade desse item é demonstrar a grande influência da doutrina empirista na obra famosa (Crítica da Razão Pura) de Kant. A visão dos empiristas ressalta a experiência que se tem com o mundo que nos rodeia, o mundo sensível. Essa visão é contraditória a de Platão que rejeita qualquer forma de conhecimento nesse mundo sensível a partir da experiência.

No empirismo, a experiência é algo fundante. O conhecimento só é possível pela observação, todo conhecimento passa pelos sentidos. Francis Bacon é considerado fundador do empirismo. A realidade empírica, isto é, realidade dos fatos é a única que pode ser aprendida. Para essa corrente a verdade se dá pelos fatos e pelos feitos:

Elabora, pois, um novo método indutivo: pela experiência deve-se recolher uma informação suficiente e depois, por intermédio da razão, devem ser elaboradas noções gerais. A finalidade da ciência é prática, o objeto é a causa das coisas naturais (MONDIN, 1981, p. 182).

A práxis é muito importante para Bacon, porque quando a coisa concreta está presente, é possível induzir para adquirir conhecimento. Isto é, meio para conhecer as coisas pelo

método indutivo. Frase famosa de Bacon: "Saber é Poder". Também John Locke foi um grande empirista. Na teoria do conhecimento, ele afirmou que todas as ideias têm origem na sensação. Para ele, a fonte de todo conhecimento é a experiência. Locke critica a doutrina cartesiana das ideias inatas. A alma humana no instante do nascimento é uma tábula rasa: o conhecimento humano principia com a experiência sensível.

Existem dois tipos de ideias: as simples e as complexas. A ideia de substância é incognoscível, na medida em que supera os limites do conhecimento sensível. Portanto, o homem pode conhecer somente a existência das coisas e não a sua essência⁴.

3. A VISÃO DO CRITICISMO DE KANT

Esse item visa apresentar a crítica do filósofo a respeito das formas cognitivas na teoria de conhecimento. Acredita-se que a rápida abordagem feita acima sobre o empirismo e o racionalismo permitirá uma maior compreensão do posicionamento filosófico e da contribuição de Kant para a teoria do conhecimento. O filósofo leva em consideração as duas visões, mas com uma nova visão. O que é essa nova visão?

Segundo o dicionário de filosofia Nicola Abbagnano o criticismo kantiano pode ser resumido da seguinte forma: 1º Formulação crítica (v.) do problema filosófico e, portanto, condenação da metafísica como esfera de problemas que estão além das possibilidades da razão humana. 2º Determinação da tarefa da filosofia como reflexão sobre a ciência e, em geral, das atividades humanas, a fim de determinar as condições que garantem (e limitam) a validade da ciência e, em geral, das atividades humanas (ABBAGNANO, 2003, p. 223- 224). Kant supera essa dicotomia concluindo que o conhecimento só é possível pela conjunção das suas fontes: a sensibilidade e o entendimento. A sensibilidade dá à matéria e ao entendimento as formas do conhecimento. O criticismo kantiano tinha como objetivo principal a crítica das faculdades cognitivas

4 MONDIN, Battista. Introdução à Filosofia. 2ª Edição, São Paulo, 1980, p.197.

do homem, no sentido de se conhecer seus limites. Em consequência dessa crítica, o autor sustenta a impossibilidade da razão humana conhecer a essência das coisas (númeno)⁵.

Sensibilidade e entendimento são dois conceitos-chaves que permitirão compreender o criticismo kantiano. Vejamos como o filósofo opera esses conceitos. Quando Kant nega a possibilidade de a razão humana conhecer a essência das coisas, significa que aquilo que nos é apresentado é simplesmente a matéria, ou melhor, é o fenômeno. Podemos ver e tocar a coisa, isto é, o objeto físico, mas não temos verdadeiramente acesso à sua essência. Tudo que se manifesta fisicamente no nosso mundo sensorial é o fenômeno, não a coisa em si.

Segundo Bertrand Russell, o objeto físico a que ele deu o nome "coisa em si" é por Kant considerado como essencialmente incognoscível; podemos tão-só conhecer o objeto tal como o temos na experiência, e a este último chama Kant o "fenômeno". O fenômeno, sendo um produto combinado de nós próprios e da coisa em si, há de ter asseguradamente as características que nos são devidas e, portanto se conformará com os nossos conhecimentos a priori⁶. O conceito "a priori", será tentado elaborar com mais clareza nos próximos itens. No momento, torna-se necessário apresentar alguns aspectos sobre a Estética transcendental, a Analítica transcendental e a Dialética transcendental, visto que esses conceitos são de suma importância para a filosofia do conhecimento de Kant.

4. A ESTÉTICA TRANSCENDENTAL

Para a Estética Transcendental, o filósofo fornece uma definição considerável que se baseia na clássica distinção dos filósofos antigos a respeito dos objetos sensíveis e objetos inteligíveis. Deste modo, o filósofo estabelece a distinção entre Sensibilidade e Entendimento. Segundo Georges Pascal: A Sensibilidade (em grego: *aísthêsis*, donde o título Estético) é a faculdade das intuições; O Entendimento (em grego: *lógos*, donde Lógica)

5 Disponível em: << <https://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Criticismo/62309899.html>>>. Acesso em: novembro 2018

6 RUSSELL, Bertrand. Os Problemas da Filosofia. 3ª Edição. Coimbra-Portugal: 1977. p. 140.

é a faculdade dos conceitos. Por intuição deve entender-se, sempre consoante a etimologia (latim: *intueri*: ver), "a visão direta e imediata de um objeto de pensamento atualmente presente ao espírito e apreendido em sua realidade individual" (Lalande, *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*⁷):

De qualquer modo e por qualquer meio que um conhecimento possa relacionar-se com objetos, é a intuição o modo como ele se refere imediatamente a objetos e ao qual como um meio tende todo pensamento. Esta intuição, contudo, só acontece na medida em que o objeto nos for dado; o que, por outro lado, pelo menos a nós homens, só é possível enquanto o objeto afeta de certa maneira o ânimo (KANT, 1974, p. 39).

Em vista disso, não pode haver intuição sem o objeto, significa que, necessariamente a representação do objeto ao homem faz com que ele seja capaz de ter intuição. Portanto, não existem outros objetos que não podem afetar o espírito. As intuições possuem uma faculdade, isto é, a sensibilidade ou capacidade de receber representações, ou a receptividade para as impressões. Por conseguinte, há somente intuições sensíveis, intelectuais, ao menos para o homem. De fato, a sensibilidade é, precisamente, essa faculdade que possui nosso espírito de ser afetado por objetos. Então, segundo Immanuel Kant: "Portanto, por intermédio da sensibilidade são-nos dados objetos e apenas ela nos fornece intuições; pelo entendimento, ao invés, são objetos pensados e dele originam-se conceitos" (KANT, 1974, p. 39). Nesse sentido, o filósofo elabora dois conceitos fundamentais, a saber: o espaço e o tempo. Os dois são puras formas da intuição sensível que existem nos princípios do conhecimento a priori.

4.1. O ESPAÇO

Para esse, Kant faz uma exposição metafísica. Nessa perspectiva o prussiano cogita de uma maneira interrogativa para encontrar uma verdadeira definição para o espaço. Que

são o espaço e tempo? Se for orientado para a ideia de Newton, dá para perguntar se são considerados como seres reais ou realidades existentes absolutamente independentes de todo conteúdo. Ou como Leibniz, espaço e tempo são simplesmente relativos, sendo o espaço a ordem das coexistências e o tempo a ordem das sucessões. Kant rejeita todas essas teses mostrando que o espaço e tempo são dependentes unicamente da forma de nossa intuição, ou seja, pertencem a constituição subjetiva de nosso espírito. O filósofo sustenta que o espaço não pode ser um conceito construído a partir de nossa experiência exterior ou sensível:

O espaço não é nenhum conceito empírico tirado de experiências externas. Pois para certas sensações relacionarem-se com algo fora de mim (isto é, com algo em um lugar do espaço diverso daquele em que me encontro), e igualmente para eu poder representá-las como fora de mim e uma ao lado da outra; por conseguinte, não simplesmente como diferentes, mas como situadas em lugares diferentes; deve a representação do espaço servir-lhe já de fundamento. Logo, não pode a representação do espaço ser tornada emprestada, mediante a experiência, das relações do fenômeno externo, mas esta própria experiência externa somente é possível mediante referida representação (KANT, 1974, p. 41).

Ora, a realidade visível que é empírica, não pode ser uma oportunidade para a construção do conceito espaço. No senso comum, a tendência é chamar o nosso ambiente vital de espaço como se fosse um conceito apropriado à realidade. Na verdade, a partir dos objetos sensíveis, fazemos experiência por meio da sensibilidade, pois temos a intuição. Em seguida graças a essa, podemos pensar o espaço, que por sua vez, é sempre dependente da forma de nossa intuição que é também subjetiva.

É preciso acrescentar ainda que para o filósofo o espaço é uma representação necessária a priori. E ainda não é discursivo, pois se trata de uma intuição pura. Kant demonstra que o espaço é representado como uma grandeza infinita dada. O que significa

⁷ PASCAL, Georges. Compreender Kant. 3ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes 2017. p. 49.

isso? Afirma-se que ele é infinito, então se fosse um conceito não seria possível ter uma infinidade. Na percepção de Kant, o espaço não é conceitual, devida sua complexidade no referente às partes e ao todo. Segundo Pascal, o espaço é a priori, porque a sua representação é a própria condição da possibilidade dos fenômenos. Com efeito, poderia se conceber um espaço sem que houvesse objeto algum, mas não se pode perceber um objeto fora do espaço⁸.

O filósofo considera o espaço como uma intuição pura, a priori. Kant chega a uma dedução, disse que o espaço não é condição da possibilidade das coisas em si, mas somente a condição de sua manifestação ao nosso espírito:

Nossas exposições nos ensinam, portanto, a realidade (isto é, a validade objetiva) do espaço com vistas a tudo o que pode apresentar-se externamente a nós como objeto, mas ensinam ao mesmo tempo a idealidade do espaço com vistas às coisas, quando elas são consideradas em si mesmas pela razão, isto é, sem levar em conta a disposição da nossa sensibilidade. Logo, afirmamos a realidade empírica do espaço (com vistas a toda possível experiência externa) e não obstante a sua idealidade transcendental, isto é, que ele é nada, tão logo abandonemos a condição da possibilidade de toda a experiência e o admitamos como algo que serve de fundamento às coisas em si mesmas (KANT, 1974, p.43).

Tudo isso mostra de fato que qualquer representação na realidade é capaz de ser experimentada externamente e considerada como algo objetivo, portanto, pela razão as representações são nada no espaço e não oferecem oportunidades para conhecê-las em si mesmas.

4.2. O TEMPO

Diretamente, se pode começar a relatar a percepção de Kant sobre o tempo. Um termo muito significativo para ele e sua explicação

a respeito da transcendência. De fato, o prussiano examinou o tempo de maneira similar aquela do espaço. O tempo não é considerado como um conceito empírico, isso significa que é impossível extraí-lo de alguma experiência. Kant ressalta que os fenômenos podem desaparecer, porém, o tempo não. Isso mostra que tudo se passa no tempo, mas, o tempo não passa. O tempo é, pois, dado a priori.

O tempo não é um conceito discursivo, é impossível expressá-lo, significa que ele não é considerado como um conceito geral, mas, uma forma pura da intuição sensível. Avaliando o tempo e o espaço, os dois são de intuição pura e a condição de todo vir a ser. Eis alguns exemplos que podem elucidar esta ideia: a mecânica e a física repousam nessa intuição a priori, também a geometria repousa na intuição a priori do espaço. No tocante aos conceitos de movimento e mudança, observa-se que eles são possíveis apenas na representação do tempo e através dela, mas, se esta representação não fosse uma intuição a priori, nenhum conceito nos faria compreender a possibilidade da mudança. Kant afirma que a existência de uma coisa num lugar é sua não existência neste mesmo lugar. O filósofo explicita esta ideia, que a princípio é contraditória da seguinte forma:

O tempo não é algo que subsiste por si mesmo ou inerente às coisas como determinação objetiva, e que, por conseguinte, permanece, quando se abstrai de todas as condições subjetivas da intuição delas... O tempo não é senão a forma do sentido interno, isto é, da intuição de nós próprios e do nosso estado interno (KANT, 1974, p. 45).

Mas, embora o tempo exista só pelo sujeito e para o sujeito, o tempo não deixa de ser o quadro em que percebemos todas as coisas. Corrobora-se assim uma espécie de superioridade do tempo, pois os objetos nos aparecem no espaço, mas toda tomada de consciência deles situa-se no tempo:

O tempo é a condição formal a priori de todos os fenômenos em geral.

8 PASCAL, Georges. Compreender Kant. O espaço, 3ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 53.

O espaço, enquanto forma pura de toda intuição externa, é, como condição a priori, limitada apenas a fenômenos externos. Ao contrário, visto que todas as representações – tenham elas como objeto coisas externas ou não – em si mesmas, como determinações do ânimo, pertencem ao estado interno enquanto este estado interno pertence à condição formal de intuição interna, por conseguinte à condição do tempo: deste modo, o tempo é uma condição a priori de todo fenômeno em geral, e na verdade a condição imediata dos fenômenos internos (das nossas almas) e por isso também, mediamente, a condição dos fenômenos externos. Se posso dizer a priori: todos os fenômenos externos são no espaço e são determinados a priori segundo as relações do espaço, então posso dizer universalmente, com base no princípio do sentido interno: todos os fenômenos em geral, isto é, todos os objetos dos sentidos, são no tempo e estão necessariamente em relações de tempo (KANT, 1974, p. 46).

Tudo isso, é a complexidade da estética transcendental que requer uma discussão sobre o espaço e tempo, que não são conceitos empíricos, mas são intuições puras ou a priori. Então, o problemático da filosofia transcendental é o seguinte: Como são possíveis proposições sintéticas a priori? Agora, vamos discutir um pouco sobre a analítica transcendental, que é um tema polêmico e demanda muita compreensão.

5. ANALÍTICA TRANSCENDENTAL

De forma resumida, se pode refletir sobre a analítica transcendental de Kant com mais objetividade. A tese fundamental que o filósofo sustenta nesta parte é de provar como as ciências experimentais, e especialmente a física, são válidas. Lembre-se a distinção feita por ele entre sensação e juízo ou sensibilidade e entendimento, portanto são inseparáveis. Kant enfrenta um problema a respeito das leis naturais, da física, de como elas são possíveis. De acordo com Battista Mondin, Elas são possíveis somente se é sujeito que as dita à

natureza e se se referem não à natureza em si mesma, mas à natureza como aparece (isto é, à natureza fenomênica). Se as leis não viessem do sujeito, mas da experiência, não poderiam ter caráter universal; por outro lado, a imposição das leis à natureza seria impossível se por natureza se entendesse o mundo das coisas em si. Logo o problema de como a ciência física é possível só tem uma solução: ela é possível porque o intelecto impõe as suas leis à experiência⁹.

Quando se trata se analítica transcendental é impossível não se referir às categorias, porque elas têm uma importância muito grande na teoria do conhecimento de Kant. Essa se foca na possibilidade de conhecer. Para Kant, as categorias têm base em diversos tipos de Juízos, segundo ele, os juízos são doze, logo existem doze categorias. Sobre a função lógica do entendimento nos juízos, há uma tábua das categorias:

Da quantidade: Unidade, Pluralidade, Totalidade. Da qualidade: Realidade, Negação, Limitação. Da relação: Inerência e subsistência (substantia et accidens), Causalidade e dependência (causa e efeito), Comunidade (ação recíproca entre agente e paciente). Da modalidade: Possibilidade- impossibilidade, Existência- não ser, Necessidade-contingência (KANT, 1974, p. 71).

Tendo em vista essas discussões, elas são referidas às condições da forma do conhecimento a priori. “As “categorias e os princípios” que regulam o seu uso, especialmente o princípio da causalidade, não são produtos da experiência, mas condições a priori de qualquer experiência” (MONDIN, 1981, p. 181).

6. DIALÉTICA TRANSCENDENTAL

A pesquisa que Kant faz ainda na teoria do conhecimento sobre a dialética transcendental mostra o funcionamento da razão para determinar a possibilidade da metafísica. Para ele, a razão tem uma função muito importante, a sua atividade é de vincular as

9 MONDIN, Battista. Curso de Filosofia. Vol. 2. 6ª Edição, São Paulo, 1981, p. 179.

experiências diante do raciocínio sob algumas ideias fundamentais. O que são essas ideias? Antes de relatar a resposta, podemos recordar que a dialética transcendental trata as ideias de alma, de mundo e de Deus. Essas ideias estão em relação a cada forma de raciocínio. Segundo Battista Mondin, o raciocínio poder ser categórico, hipotético e disjuntivo, a cada forma de raciocínio corresponde uma ideia, a qual constitui a condição transcendental de sua possibilidade. Ao silogismo categórico corresponde a ideia do sujeito completo (substancial): a alma. Ao silogismo hipotético corresponde a ideia da série completa das condições: o mundo. Ao silogismo disjuntivo corresponde a ideia de um conjunto perfeito de todos os conceitos possíveis: Deus (MONDIN, 1981, p. 183). Kant tirou uma conclusão radical das três ideias da dialética transcendental (alma, mundo e Deus) que elas não têm significado constitutivo, porque são formas, e não podem ter conteúdo. Na razão especulativa ou no raciocínio, essas ideias caracterizam ideal que não podem ser atingidos. Então, segundo o filósofo, esses problemas metafísicos da razão pura apresentam exigências de transferi-los para a razão prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para chegar a uma conclusão definitiva na Crítica da Razão Pura de Kant, é preciso de um longo estudo aprofundado, mas é possível acompanhar as ideias que ele propõe. Os argumentos que ele apresentou nessa obra, são meios para entender as limitações dos racionalistas e dos empiristas, mas não fins para saber a verdadeira forma de conhecer. O filósofo compreende que a sensibilidade e o entendimento são maneiras de conhecer, isto é, sensação e juízo, são procedimentos para o saber. Kant mostra também o limite da nossa razão e como é impossível captar a essência das coisas. Podemos simplesmente conhecer aquilo que nos aparece ou o fenômeno. A essência (O nùmeno) não pode ser conhecida pela razão, pois é transcendental, somente pode ser pensado. Ele sustenta ainda na

Estética Transcendental a questão do tempo e espaço, esses dois não são conceitos, eles são somente subjetivos.

Na Analítica Transcendental, o filósofo faz uso das doze categorias, pois são investigações filosóficas para a possibilidade dos conceitos a priori e suas abordagens lógicas. Por fim, na Dialética Transcendental, Kant faz um estudo metafísico, isto é, a alma, mundo e Deus. Na verdade essas três ideias, para o filósofo, elas somente podem ser pensadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 4ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- DESCARTES, René. **As meditações (Coleção dos Pensadores)**. 2ª Edição. São Paulo, 1979. Disponível em: << <https://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Criticismo/62309899.html> >>. Acesso em: novembro 2018.
- MONDIN, Battista. **Introdução à Filosofia**. 2ª Edição. São Paulo, 1980.
- _____. **Curso de Filosofia**. Vol. 2, 6ª Edição. São Paulo, 1981.
- PASCAL, Georges. **Compreender Kant (Biografia)**. 3ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- RUSSELL, Bertrand. **Os Problemas da Filosofia**. 3ª Edição. Coimbra-Portugal, 1977.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura (Coleção dos Pensadores)**. 1ª Edição. São Paulo, 1974.